

O topônimo Matipó: história e memória social em Minas Gerais

The toponym Matipó: history and social memory in Minas Gerais

Maryelle Joelma CORDEIRO*

Simone Dornelas de CARVALHO**

RESUMO: Neste artigo é apresentada uma análise sobre o nome próprio Matipó, presente no estado de Minas Gerais. Seguimos uma abordagem linguística que envolve a relação entre a toponímia, a história e a memória social, sob a égide da Toponomástica, ciência linguística que se dedica a estudar a origem e os aspectos da motivação e do significado dos nomes próprios de lugares – os topônimos. Com base nos estudos etnográficos de Barbosa (1951), de Senna (1937), de Oiliam José (1965), de Dick e Seabra (2012) e no modelo taxonômico de classificação toponímica, de Dick (1990a), analisamos os aspectos linguísticos e a origem do topônimo Matipó para chegarmos a uma provável significação, diferente daquela que é comumente difundida por órgãos governamentais e por seus habitantes.

PALAVRAS-CHAVE: Linguística. Toponímia. História. Memória Social. Matipó.

ABSTRACT: This article presents an analysis of the “Matipó” proper noun. A linguistic approach is presented, that involves the relationship between toponymy, history and social memory, under the aegis of Toponomastics: a linguistic science dedicated to study the origin and aspects of motivation and meaning of proper place nouns – toponyms. Based on the ethnographic studies of Barbosa (1951), Senna (1937), Oiliam José (1965), Dick and Seabra (2012) and the taxonomic model of toponymic classification, developed by Dick (1990a), the linguistic aspects and the origin of the toponym Matipó are analyzed to arrive at the probable correct meaning, different from that which is commonly disseminated by government agencies and its inhabitants.

KEYWORDS: Linguistics. Toponymy. History. Social Memory. Matipó.

* Doutora em Estudos Linguísticos - UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-4459-4675>. maryellecordeiro@gmail.com

** Doutora em Estudos Linguísticos - UFMG. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-1776-7043>. simonedornelascarvalho@gmail.com.

1 Considerações iniciais

Os estudos toponímicos nos permitem apontar vestígios histórico-socioculturais de uma comunidade e mostrar as características físicas de um determinado local que podem estar refletidas no nome próprio de lugar – o topônimo. Ademais, colaboram para a manutenção e para a preservação da memória coletiva de um povo. Segundo Santos e Seabra (2011),

por serem iconicamente simbólicos, os nomes de lugares nos fornecem valiosas informações: i) apontam a origem histórica de povos antigos e a localização, com precisão, de sítios desaparecidos; ii) oferecem descrições precisas de relevos, apontando paisagens que já tenham desaparecido em decorrência da ação antrópica ou da natureza; iii) indicam a localização de nomes de rochas, estruturas do solo, locais antigamente minerados; iv) apontam um amplo corpus de nomes de lugares que se refere à fauna atual ou desaparecida; v) indicam um vasto repertório popular que designa espécies vegetais; vi) fornecem conhecimento sobre a vida religiosa, agrícola, etnológica, dentre muitos outros dados. (SANTOS; SEABRA, 2011, p. 794).

Neste artigo, propusemo-nos a analisar o topônimo Matipó, seguindo uma abordagem linguística que envolve a relação entre a toponímia, a história e a memória social. Com este intuito, iniciamos nosso estudo narrando a história da constituição do município, partindo da atualidade rumo a tempos pretéritos. Para ilustrar o funcionamento do processo de nomeação de lugares e a sua consequente motivação, com o objetivo de resgatar e de conservar a memória local, verificamos a primeira denominação, São João de Matipó, e as mudanças que esse topônimo sofreu até se firmar com o atual nome, Matipó.

Dando seguimento, com base nos estudos etnográficos de Barbosa (1951), de Senna (1937), de Oíliam José (1965) e de Dick e Seabra (2012), analisamos os aspectos linguísticos e a história do nome para chegarmos a uma provável significação do

topônimo Matipó, diferente daquela que é comumente difundida por órgãos governamentais e por seus habitantes.

Para compreender os fatores motivacionais envolvidos no processo de nomeação, utilizamos o modelo taxonômico de classificação toponímica, elaborado por Dick (1990a), que os subdividiu em dois fatores: fatores físicos, ligados às características do próprio acidente geográfico, e fatores antropoculturais, relacionados à visão de mundo pelo ser humano.

Dick (1990a, p. 40) esclarece que o topônimo, além de identificar o lugar, caracteriza-se pela indicação de seus aspectos antropoculturais ou físicos: “os topônimos como os antropônimos, ao lado de uma função identificadora, guardam, em sua estrutura imanente, uma significação precisa, muitas vezes não mais transparente em virtude da opacidade que esses nomes adquirem, ao se distanciarem de suas condicionantes tempo-espaciais”.

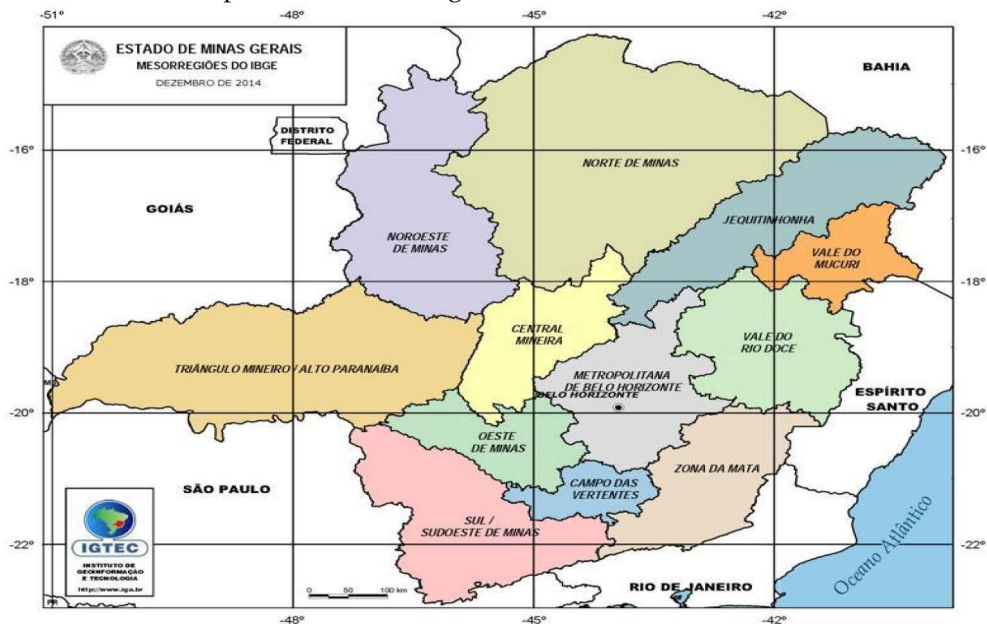
A autora explica que essa nomenclatura, baseada na teoria da Comunicação Toponímica, é eficiente, uma vez que emprega uma técnica discriminativa que consegue precisar a situação geográfica do acidente, não se limitando em apenas identificá-lo a partir de um nome. É, portanto, através desses recursos contidos na denominação que o falante consegue interpretar a mensagem que é emitida e consubstanciada no nome.

Nesta análise, recorreremos, ainda, aos dados contemporâneos do Projeto Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – Projeto ATEMIG, os quais serviram de base empírica para este estudo. Nesses dados, foi possível identificar o acidente geográfico, a origem, a variação e a localidade a que se referem essas ocorrências. Além disso, buscamos o registro do topônimo Matipó em documentos cartográficos históricos, datados dos séculos XVIII e XIX. A partir desses dados, acrescidos de outras fontes, foi confeccionada a ficha lexicográfica do topônimo Matipó, que inclui também o verbete.

2 Percurso histórico do município mineiro de Matipó

O pequeno município de Matipó dista 250 km da capital Belo Horizonte e está situado na Mesorregião da Zona da Mata, na Microrregião de Manhuaçu, conforme o quadro regional das Mesorregiões e Microrregiões Geográficas, produzido na década de 1980, pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). No Mapa 1, a seguir, podemos visualizar as 12 mesorregiões de Minas Gerais: Noroeste de Minas, Norte de Minas, Jequitinhonha, Vale do Mucuri, Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba, Central Mineira, Metropolitana de Belo Horizonte, Vale do rio Doce, Oeste de Minas, Sul e Sudoeste de Minas, Campos das Vertentes e Zona da Mata.

Mapa 1 — As mesorregiões de Minas Gerais.

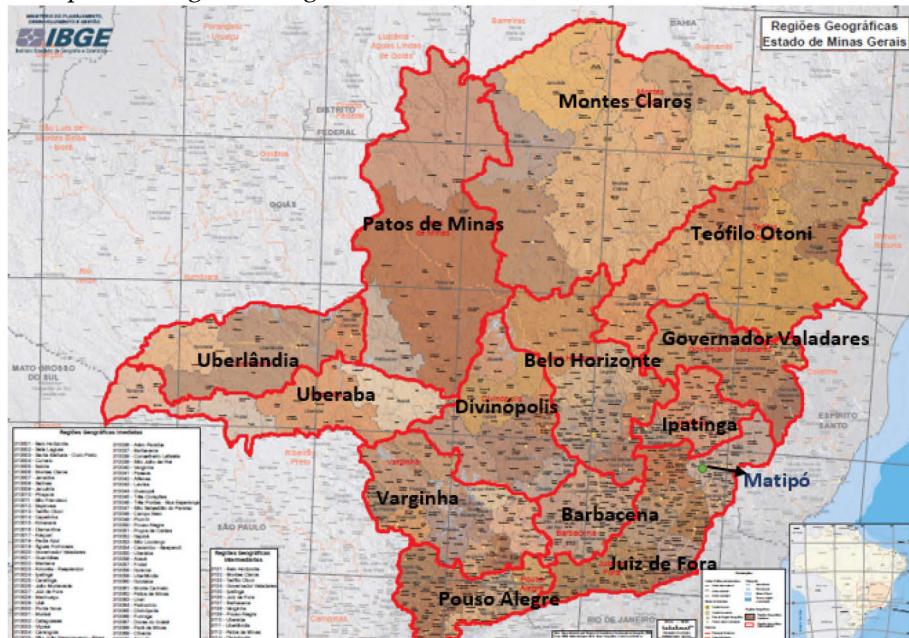


Fonte: disponível em: <https://www.mg.gov.br/conteudo/conhecaminas/geografia/localizacao-geografica>. Acesso em: 15 abr. 2020.

Segundo classificação mais recente do IBGE (2017), essas unidades mesorregionais e microrregionais do Brasil passaram a receber os nomes de Regiões Geográficas Intermediárias e de Regiões Geográficas Imediatas, respectivamente. Nessa revisão, Matipó está localizado na Região Geográfica Intermediária de Juiz de Fora, na Região Geográfica Imediata de Manhuaçu, do estado de Minas Gerais.

O Mapa 2, na sequência, permite visualizar as 13 Regiões Geográficas Intermediárias mineiras, a saber, Belo Horizonte, Montes Claros, Teófilo Otoni, Governador Valadares, Ipatinga, Juiz de Fora, Barbacena, Varginha, Pouso Alegre, Uberaba, Uberlândia, Patos de Minas e Divinópolis. Nele, também é possível identificar onde se localiza Matipó.

Mapa 2 – Regiões Geográficas Intermediárias do estado de Minas Gerais.



Fonte: mapa adaptado. Disponível em: https://www.ibge.gov.br/apps/regioes_geograficas. Acesso em: 20 abr. 2020.

O município de Matipó possui atualmente 17.639 habitantes, 13.832 na zona urbana e 3.807 na zona rural. Com sua economia voltada para a produção cafeeira, o café constitui a principal atividade econômica do município. Na atividade pecuária, destaca-se o rebanho bovino, seguido de suínos e de galináceos.

Em relação à sua infraestrutura, o município possui escolas municipais, estaduais, particulares e uma instituição de ensino superior. Lá, há clubes, agências bancárias, armazéns de café, cafeeiras, lanchonetes, bares, restaurantes, supermercados e atacados, consultórios médicos e odontológicos, empresa de água potável e de terraplanagem, atividades de mineração, padarias, postos de combustível,

hotéis, parque de exposição, dentre outros estabelecimentos comerciais. O município também conta com um hospital e postos de saúde.

A estrutura rural do município, bem como a organização rural da região, apresenta uma divisão peculiar, baseada em propriedades de determinadas famílias, denominadas “córregos”, conforme explica Carvalho (2014, p. 20). Dessa forma, o “córrego” é estruturado por “grupos rurais de vizinhança”, como é definido por Cândido (1982):

Este [bairro] é a estrutura fundamental da sociabilidade caipira, consistindo no agrupamento de algumas ou muitas famílias, mais ou menos vinculadas pelo sentimento de localidade, pela convivência, pelas práticas de auxílio mútuo e pelas atividades lúdico-religiosas. As habitações podem estar próximas umas das outras, sugerindo por vezes um esboço de povoamento ralo; e podem estar de tal modo afastadas que o observador muitas vezes não discerne, nas casas isoladas que topa a certos intervalos, a unidade que as congrega. (CÂNDIDO, 1982, p. 62).

A história do município teve início em 1840, quando surgiram as primeiras casas do povoado que deu origem à cidade de Matipó. De acordo com os dados do IBGE (on-line)¹, duas décadas depois de sua fundação, uma capela foi erguida em honra a São João Batista em terras doadas pelo fazendeiro local, João Fernandes dos Santos. Com denominação de São João do Matipó, o distrito foi criado pela Lei Provincial nº 3442, 767, de 02 de maio de 1856.

Ao longo dos anos, o povoado de São João do Matipó foi crescendo e, em 1856, foi elevado a distrito de Ponte Nova. Em 23 de março de 1889, a provisão do bispo Dom Silvério Gomes Pimenta criou o curato de São João do Matipó que, pouco tempo depois, foi elevado à categoria de paróquia, cujo primeiro vigário foi o Monsenhor João Facundo Chaves.

¹ Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/mg/matipo/historico>. Acesso em: 25 abr. 2020.

constituiu-se de três distritos: Matipó, Santa Margarida e Santa Helena. Este último passou a tomar a denominação de Caputira em 1943.

Em 1948, o distrito de Santa Margarida foi desmembrado do município de Matipó, elevando-se à categoria de município. Dessa forma, em 1950, o município ficou constituído de dois distritos: Matipó e Caputira. Em 1953, o distrito de Padre Fialho, ex-povoado de Garimpo, foi criado com terras desmembradas do distrito sede do município e anexado ao município de Matipó.

Em divisão territorial datada de 1955, o município passou a ser constituído de três distritos: Matipó, Caputira e Padre Fialho, permanecendo essa divisão territorial até 1960.

Em 1962, o distrito de Caputira foi desmembrado do município de Matipó. Então, em 1963, o município ficou constituído de dois distritos, Matipó e Padre Fialho, conhecido popularmente como Garimpo, assim permanecendo em divisão territorial datada de 2007

3 Toponímia, história e memória social

O ser humano, por viver em sociedade, adquiriu uma necessidade particular de nomear tudo aquilo que se encontra ao seu redor, de traduzir em formas linguísticas todos os aspectos da sua cultura, tanto na esfera material, quanto na imaterial. Desde o início da civilização e da fundação das primeiras cidades, houve uma necessidade de se nomear também os lugares onde as pessoas viviam, como forma de se distinguir de outros povos e de delimitar o espaço. Ao contrário da denominação de objetos e de fatos do cotidiano, que são arbitrários, a denominação de lugares não acontece de maneira aleatória.

Como a nomeação não ocorre de maneira ocasional, o estudo do significado e da origem dos nomes de lugares, além de todos os processos de mudança que podem ter ocorrido com eles no decorrer do tempo, pode revelar costumes e valores de uma

sociedade, trazendo à tona aspectos da cultura atual e de outras culturas que podem ter sido sobrepostos. Para Biderman (1981),

o acervo verbal de um idioma é o resultado de um processo de categorização secular e até milenar na cultura, através do reconhecimento das semelhanças e das diferenças entre os elementos da experiência humana, tanto a experiência resultante da interação com o ambiente físico como com o meio cultural. (BIDERMAN, 1981, p. 134).

A Toponomástica³ é uma das ciências linguísticas que se dedica a estudar a origem e os aspectos da motivação e do significado dos nomes próprios de lugares – os topônimos. Além disso, representa uma área do conhecimento que consegue evidenciar e revelar aspectos histórico-culturais de diferentes grupos sociais, que podem estar refletidos no próprio nome, bem como mostrar ideologias e crenças de um povo e influenciar ainda a escolha do topônimo na ocasião de sua denominação.

Nesse sentido, a toponímia de um local, ou seja, o conjunto de designativos, também deve ser considerada um patrimônio cultural, porque representa a memória coletiva da história de um povo. Os nomes de lugares, até o século XIX, não nasciam de decretos do governo, conforme pode ser visto hoje, mas eram criados pelos habitantes que viviam naquele local. Os nomes das ruas não eram regulados nem impostos pelas autoridades. Tais nomes eram oriundos do povo e repassados de geração em geração, ao longo do tempo, por meio da memória coletiva. Essas denominações se originaram das características do local e de seus habitantes e podiam indicar uma família, uma pessoa ou grupos de profissionais, um nome de um animal ou de uma planta, um nome de um curso d'água, uma topografia do terreno ou, ainda,

³ A adoção do termo “Toponomástica” neste trabalho segue a recomendação do *International Congress of Onomastic Sciences* (ICOS) de 2011 para referir-se ao campo de estudo dos nomes de lugares, distinguindo-se de “toponímia”, conjunto de topônimos de um determinado local. Trata-se de uma forma de padronização do uso desses termos, conforme informado por Seabra e Isquerdo (2018).

a presença de riquezas minerais. Nesse processo, muitas denominações religiosas eram motivadas pela presença de uma igreja ou de um convento no local.

Além disso, a Toponomástica é também um campo de estudo interdisciplinar, pois é possível ter diferentes olhares acerca dos topônimos, contribuindo para outras áreas de estudo como para a Geografia, a História, a Biologia, dentre tantas outras. Nesse sentido, podemos dizer que a relação entre toponímia, história e memória exerce papel determinante nas denominações.

Partindo desse ponto de vista, Dick (1990b) afirma que os designativos de lugar trazem, em sua gênese, aspectos da vida do homem. Assim, o ato de nomear um lugar, por parte de um sujeito que nomeia, carrega consigo a sua maneira de enxergar o mundo, os aspectos da sua cultura, que se refletem diretamente na escolha dos topônimos. A afirmação da autora nos esclarece também a relação entre toponímia e memória, sendo esta última não só um dos componentes da cultura de um povo, como também um importante elemento motivador do sujeito que nomeia. Segundo a autora, o topônimo possui geralmente relação com a história e a cultura da localidade que ele nomeia. Dessa forma,

a história dos nomes de lugares, em qualquer espaço físico considerado, apresenta-se como um repositório dos mais ricos e sugestivos, face à complexidade dos fatores envolventes. Diante desse quadro considerável dos elementos atuantes, que se entrecruzam sob formas as mais diversas, descortina-se a própria panorâmica regional, seja em seus aspectos naturais ou antropoculturais. (DICK, 1990a, p. 19).

Nos estudos toponímicos de Dick (1990a), são apresentados os princípios teóricos de investigação para a elaboração das taxes toponímicas, vinculadas a fatores físicos, ligados às características do próprio acidente geográfico, e a fatores antropoculturais, relacionados à visão de mundo pelo ser humano.

Dick (1990a) criou o Sistema Toponímico Taxonômico que classifica os topônimos em 27 taxes, 11 de natureza física e 16 de natureza antropocultural, seguindo a teoria de Dauzat (1926), adaptada para a realidade brasileira. Nessa categorização, a autora excetua os nomes geográficos, por serem termos genéricos, usados de maneira arbitrária.

Os acidentes de natureza física foram classificados da seguinte maneira:

- 1) Astrotopônimos: referentes aos corpos celestes em geral. Ex.: Bairro Estrela D'Alva (BH/MG);
- 2) Cardinotopônimos: relativos às posições geográficas em geral. Ex.: Rio do Norte (MG);
- 3) Cromotopônimos: relativos às cores. Ex.: Rio Azul (PR);
- 4) Dimensiotopônimos: referem-se às características do próprio acidente. Ex.: Baixo Guandu (ES);
- 5) Fitotopônimos: relativos aos nomes de vegetais. Ex.: Manga (MG);
- 6) Geomorfotopônimos: fazem referências às formas topográficas. Ex.: Morro do Chapéu;
- 7) Hidrotopônimos: relativos aos acidentes hidrográficos em geral. Ex.: Lagoa da Prata (MG);
- 8) Litotopônimos: relativos a minerais. Ex.: Turmalina (MG);
- 9) Metereotopônimos: referem-se a fenômenos atmosféricos. Ex.: Ressaquinha (MG);
- 10) Morfotopônimos: referem-se às formas geográficas. Ex.: Redondo (MG);
- 11) Zootopônimos: relativos aos nomes de animais. Ex.: Lambari (MG);

Já os topônimos de ordem antropocultural foram classificados da seguinte forma:

- 1) Animotopônimos ou Nootopônimos: relativos à vida psíquica e espiritual. Ex.: Belo Horizonte (MG);

- 2) Antropotopônimos: relativos aos nomes próprios e individuais. Ex.: Lima Duarte (MG);
- 3) Axiotopônimos: fazem referência a títulos que acompanham os nomes. Ex.: Visconde do Rio Branco (MG);
- 4) Corotopônimos: recuperam nomes de cidades, países, regiões e continentes. Ex.: Serra Alagoas (MG);
- 5) Cronotopônimos: indicam tempo. Ex.: Nova Lima (MG);
- 6) Dirrematotopônimos: constituídos por frases ou enunciados linguísticos. Ex.: Passa Quatro (MG);
- 7) Ecotopônimos: relativos a habitações de um modo geral. Ex.: Casa Grande (MG);
- 8) Ergotopônimos: referem-se a elementos da cultura material. Ex.: Monjolos (MG);
- 9) Etnotopônimos: relativos a elementos étnicos isolados. Ex.: Guanhães (MG);
- 10) Hierotopônimos: Topônimos relacionados aos nomes sagrados de diversas crenças. Ex.: Serra da Candelária (MG). Estes podem ser subdivididos em dois outros grupos:
 - a) Hagiotopônimo: relativos aos nomes de santos do hagiológico romano. Ex.: Santa Bárbara (MG);
 - b) Mitotopônimos: topônimos relativos às entidades mitológicas: Ex.: Fazenda das Bruxas (MG).
- 11) Historiotopônimos: relativos a movimentos de cunho histórico-social e a seus membros e às datas correspondentes. Ex.: Tiradentes (MG);
- 12) Hodotopônimos: Topônimos relativos às vias de comunicação rurais ou urbanas. Ex.: Ponte Nova (MG);
- 13) Numerotopônimos: relativos aos numerais. Ex.: Três Corações (MG);
- 14) Poliotopônimos: relativos aos aglomerados populacionais, tais como vilas, cidades, aldeias, povoados. Ex.: Arraial Novo (MG);

15) Sociotopônimos: relativos às atividades profissionais e a pontos de encontro. Ex.: Catas Altas (MG);

16) Somatotopônimos: referem-se às relações metafóricas das partes do corpo humano ou animal. Ex.: Morro da Cabeça (MG).

A classificação proposta por Dick (1990a), foi elaborada com o objetivo de facilitar a análise da motivação toponímica. Todavia, tendo em vista que um país como o Brasil há uma imensa diversidade linguística e cultural, o modelo proposto por Dick (1990a) vem sendo continuamente revisto e ampliado, pois de acordo com a autora nenhuma categoria é estanque. De acordo com Pereira e Nadin (2017):

Embora as taxes de Dick consigam dar conta da motivação de quase todos os topônimos, algumas nomeações não são classificadas de forma clara e objetiva, devido à diversidade de motivações e significados que elas possuem e, por consequência, pela falta de novas taxionomias que cubram algumas necessidades classificatórias. (PEREIRA; NADIN, 2017, p. 237).

Dessa forma, ao longo dos anos, outras contribuições foram enriquecendo o trabalho proposto por Dick (1990a), com a criação de novas categorias e subcategorias. Dentre elas, podemos destacar primeiramente o trabalho de Isquierdo (1996), com a subcategorização dos animotopônimos em eufóricos e em disfóricos. Os animotopônimos eufóricos são representados por topônimos que transmitem uma sensação agradável e otimista, como pode ser percebido no topônimo Córrego Alegria (MG). Já os animotopônimos disfóricos dizem respeito a lexias que transmitem uma sensação desagradável, pessimista, como exemplificado em Serra das Confusões (PI).

Carvalho (2010) amplia a análise das taxes de natureza física com a criação dos igneotopônimos, que são aqueles topônimos relativos ao fogo, o que abrange também todos os produtos resultantes de sua ação direta, como por exemplo, Morro do Fogo (MT) e Córrego da Faisca (MT).

Francisquini (1998) contribuiu na descrição toponímia brasileira, com a criação de cinco novas taxes: acronimotopônimos (topônimos formados por siglas), estamatotopônimos (topônimos relacionados aos sentidos), grafematopônimos (topônimos formados por letras do alfabeto), hignetopônimos (topônimos relativos à saúde ou à higiene) e necrotopônimos (topônimos relativos ao campo semântico da morte).

Carvalho (2014), ao trabalhar com a hagiotoponímia mineira, propôs mais uma subdivisão à classe dos hagiotopônimos, com a criação dos mariotopônimos, nomes de invocação à Virgem Maria.

Outro trabalho que também se soma ao estudo de Dick foi proposto por Faria (2017). Em sua tese dedicada ao estudo dos antropotopônimos na cidade de Ponte Nova, a autora, dentro da categoria de antropotopônimos, subdividiu os topônimos em axiotopônimos e em historiotopônimos, para os quais elaborou uma nova proposta de classificação que assim foi definida: antropotopônimos, antro-po-axiotopônimos, antro-po-historiotopônimos e antro-po-axio-historiotopônimos.

Cordeiro (2018), em sua tese sobre a litotoponímia mineira, fez uma reavaliação dos topônimos formados por adjetivos que refletem características de elementos de origem mineral ou da natureza dos solos e propôs, para estes, a criação de uma nova taxonomia, animo-litotopônimos, como exemplificado em Diamantina (MG) e córrego Areadinho (MG).

Como assinalado por Dick (1996), os topônimos são essencialmente ligados à história de um povo e, como tal, permeiam o imaginário e a memória do grupo social que os utiliza. Dessa forma, percebe-se que o topônimo possui uma intrínseca relação com a memória de um povo, mesmo quando as pessoas já não se recordam mais da motivação toponímica para algum lugar, haja vista que essa motivação se tornou opaca, ao longo do tempo, em razão de uma cultura ou de uma língua que não existem

mais. Vê-se, logo, o quanto o ato de nomear tem em comum com a cultura e com um dos seus elementos constitutivos, a memória.

De acordo com Faggion e Misturini (2014, p. 146), “o topônimo, portanto, tem uma intrínseca relação com a memória de um povo, mesmo quando o povo esquece a motivação toponímica, que se tornou opaca através dos tempos, pois uma cultura e/ou uma língua não existem mais.”

Apesar de hoje a nomeação de lugares ser instituída por leis, existe ainda o que podemos chamar de toponímia não codificada, ou toponímia paralela. Trata-se de um processo denominativo que deriva dos nomes dados por nossos ancestrais a alguns lugares. Apesar de não serem indicados por nenhuma placa, esses topônimos permanecem na memória, por vezes, das pessoas mais velhas, transmitidos verbalmente.

Por fim, existem lugares que se tornaram referência pela presença de povos que outrora viveram naquele local. Centenas de tribos que habitaram o território mineiro, por exemplo, já não existem mais, muito embora tenha servido para motivar a denominação dos cursos d’água e dos locais onde outrora essas tribos se fixaram.

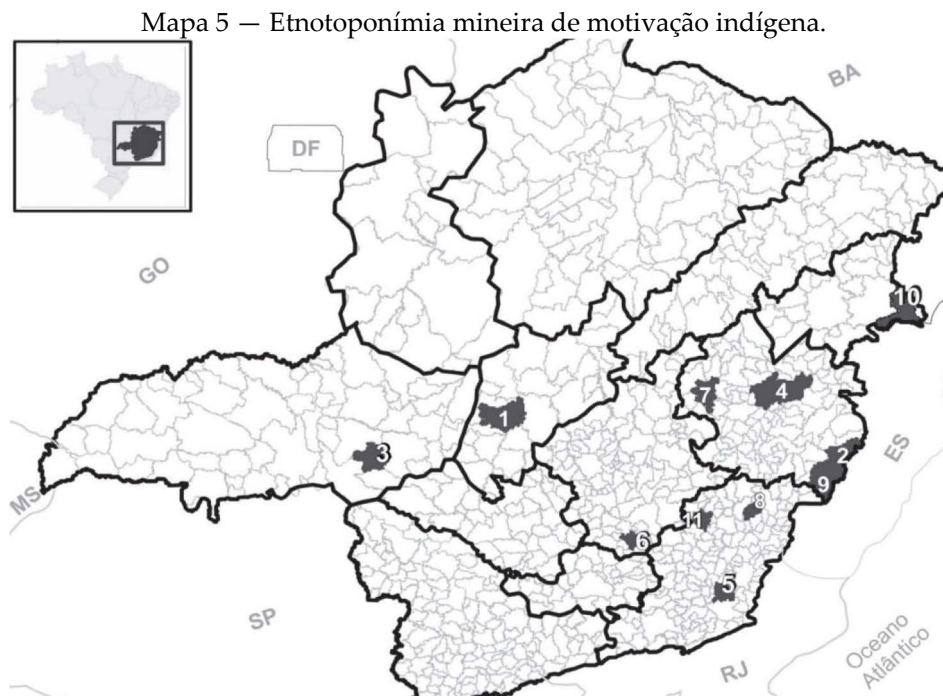
4 As origens de Matipó: notas sobre sua motivação toponímica

Para recuperar a história do nome topônimo Matipó, é preciso retomarmos épocas pretéritas, quando no território mineiro existiam tribos indígenas das mais variadas procedências, línguas e costumes. De acordo com Oiliam José (1965, p. 9), não é fácil recuperar os estudos dessas tribos mineiríndias, que ocuparam as extensas regiões onde se localiza o estado de Minas Gerais, pois restaram apenas “tradições e vestígios nem sempre suficientes para garantir conclusões a salvo de críticas e enganos”.

Com o intuito de mapear essas tribos, no solo mineiro, o ensaio do autor traz a relação das tribos indígenas que aqui se localizaram, passageira ou permanentemente,

Acerca da etnotoponímia em Minas Gerais, Dick e Seabra (2012) explicam que a denominação geográfica pode revelar a região já ocupada por determinado tipo étnico. Assim, os estudos propostos pela Onomástica dizem muito da origem dos habitantes que outrora viveram em uma determinada região. As autoras, levando em consideração o Mapa Geográfico dos Mineiríndios, de Oiliam José (1965), identificaram 11 grupos étnicos em Minas Gerais que nomeiam municípios, povoados, serras e rios do atual estado de Minas Gerais. São eles: Abaetés, Aimorés, Araxás, Chonins, Cataguás, Carijós, Guanaãs, Abatipós, Mutuns, Nacnenuques e Xopotós.

No Mapa 5, elaborado pelas autoras, podemos identificar os municípios cujos nomes foram motivados por essas respectivas tribos indígenas: 1. Abaeté, 2. Aimorés, 3. Araxá, 4. Chonim, 5. Cataguases, 6. Carijós, 7. Guanhões, 8. Matipó, 9. Mutum, 10. Nanuque e 11. Xopotó.



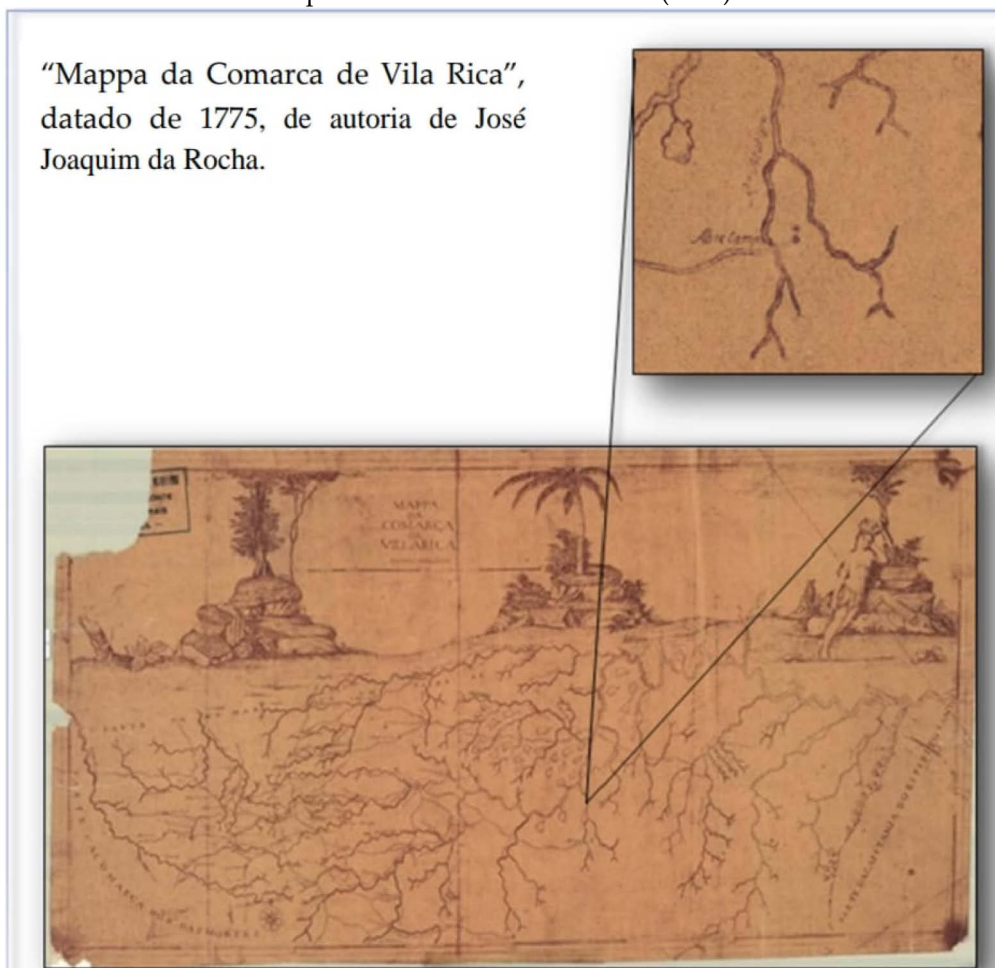
Como demonstrado no mapa, percebe-se que o atual território onde está localizado o município de Matipó coincide com a área na qual habitavam os povos

indígenas da etnia Abatipó. Esses dados nos levam a crer que a motivação para o topônimo Matipó esteja relacionada a esta tribo. Tratando-se, portanto, de um etnotopônimo, conforme assinalam Dick e Seabra (2012).

Conforme dito na contextualização histórico-cultural do município, a primeira denominação oficial para a localidade, que viria a se chamar Matipó, foi São João do Matipó. Podemos perceber, nesse caso, a influência da tradição católica ao se nomear lugares com nomes dos santos do dia. Nesse caso, foi atribuído o nome São João, um dos santos do hagiológico romano. Valendo-se da classificação de Dick (1990a), observamos que essa motivação hagiotoponímica não se manteve, permanecendo apenas o etnotopônimo Matipó.

O topônimo Matipó teve sua primeira ocorrência no “Mappa da Comarca de Vila Rica”, de José Joaquim da Rocha, de 1775, nomeando o Rio Matipó. Como se vê no Mapa 6, esse topônimo está registrado há mais de dois séculos. Outros mapas do século XVIII, também figuram o Rio Matipó, como o “Mappa da Capitania de Minas Geraes com a devisa de suas comarcas”, datado de 1778, de autoria de José Joaquim da Rocha (ver Mapa 7).

Mapa 6 – Comarca De Vila Rica (1775).

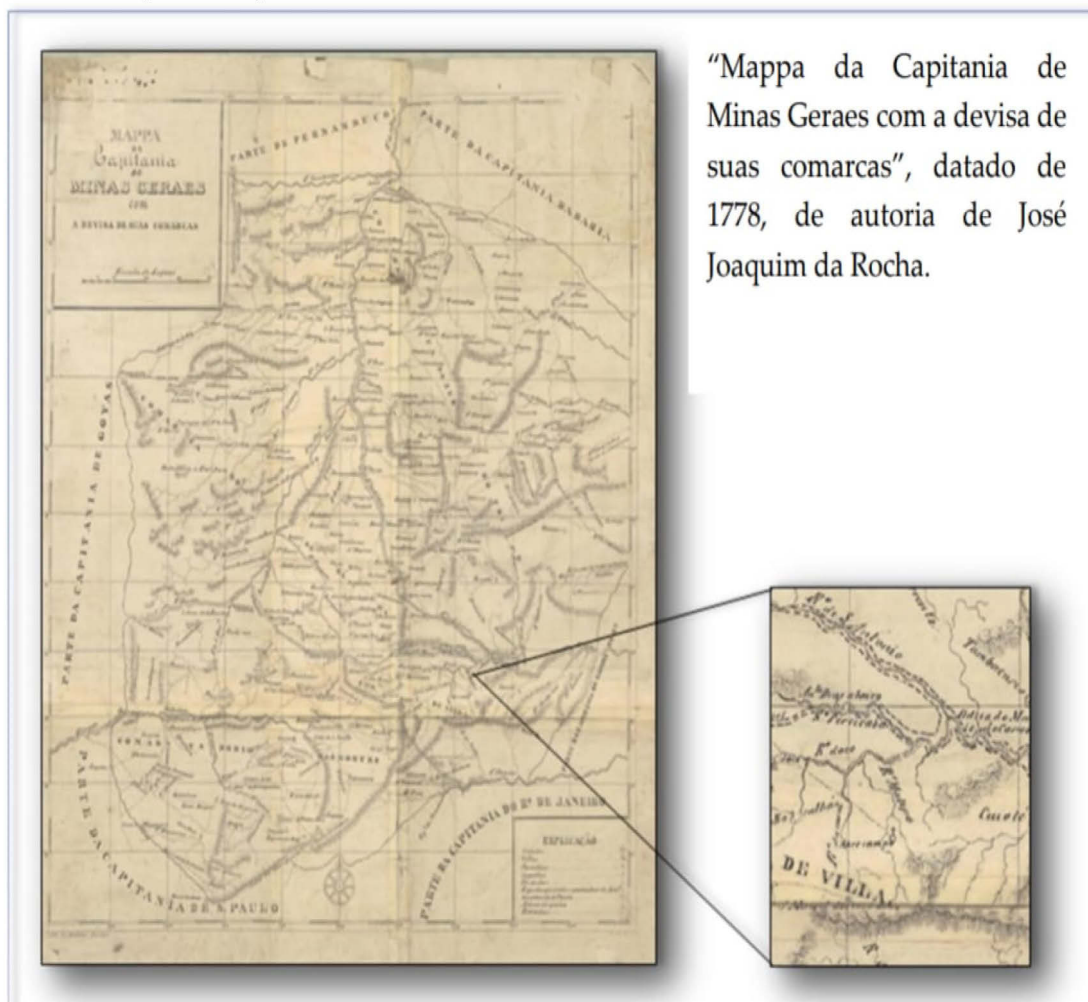


Fonte: Mapa adaptado. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/viewcat.php?cid=236. Acesso em: 02 ago. 2020.

Segundo Santos e Seabra (2011), no “Mappa da Capitania de Minas Geraes com a devisa de suas comarcas”, datado de 1778, de autoria de José Joaquim da Rocha, encontramos taxionomias de natureza física, nomeando 10 acidentes físicos: rios e ribeirões – R^o Chopoto, R^o da Casca, R^o da Pomba, R^o Doce, R^o Guandú, R^o Manhuasú, R^o Paraíba, R^o Matipó, R^o Percicaba, R^o Piranga. Dentre estes, está o Rio Matipó – topônimo objeto de nossa análise.

Mapa 7— Capitania de Minas Geraes com a devisea de suas comarcas (1778).



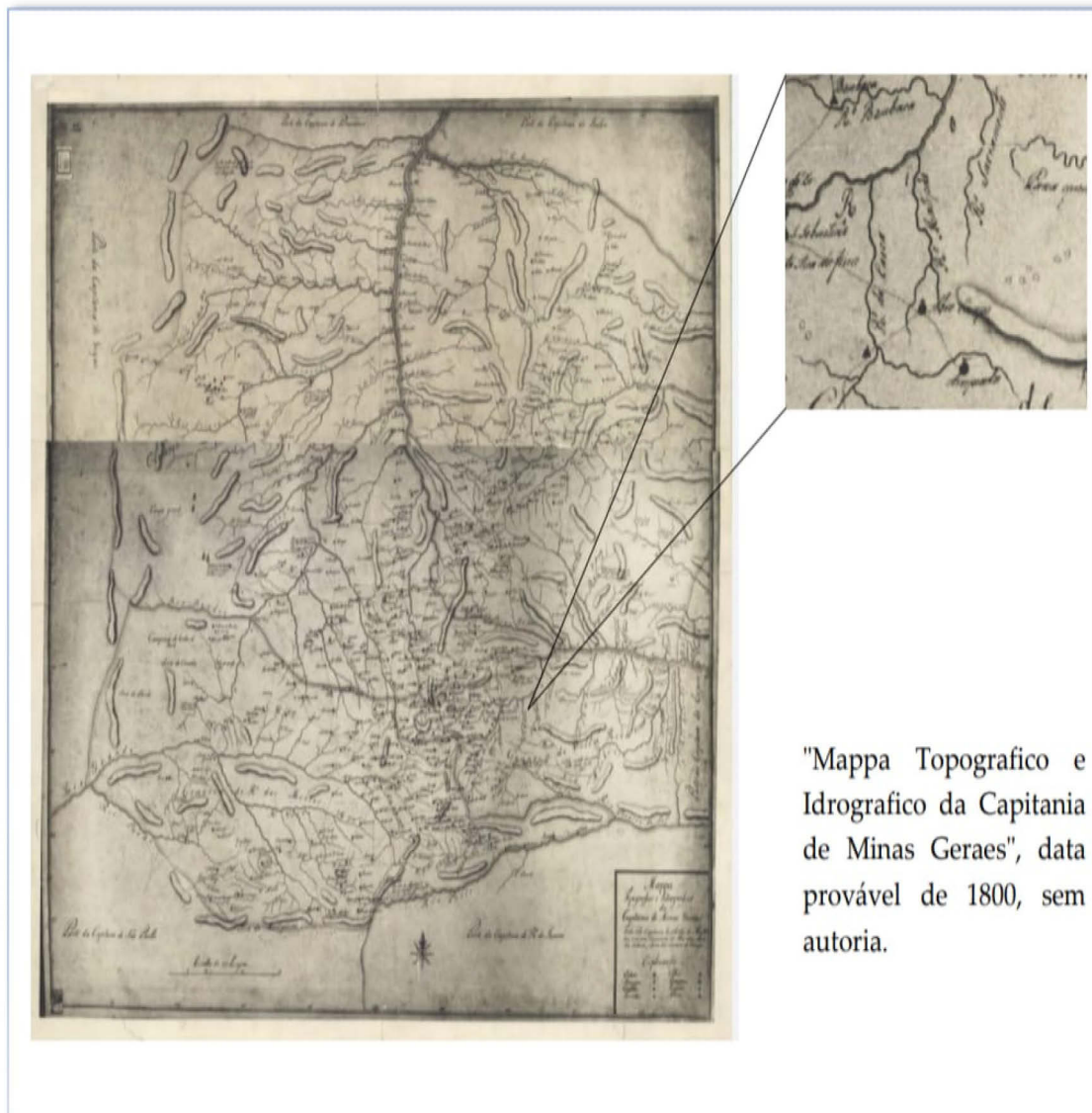
“Mappa da Capitania de Minas Geraes com a devisea de suas comarcas”, datado de 1778, de autoria de José Joaquim da Rocha.

Fonte: mapa adaptado. Disponível em:

http://www.siapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=158. Acesso em: 02 ago. 2020.

Nos mapas do final do século XVIII e do início do século XIX, também é registrado o topônimo Matipó. No “Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes”, com data provável de (1800), sem autoria, aparece “Matipeo” (ver Mapa 8). Já no “Mappa da Provincia de Minas Geraes” (1826), de autoria do Barão Wilhelm Ludwig von Eschwege, a grafia desse topônimo se difere ainda mais, onde é registrado “Matimpóo” (ver Mapa 9).

Mapa 8 — Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes, data provável, (1800).

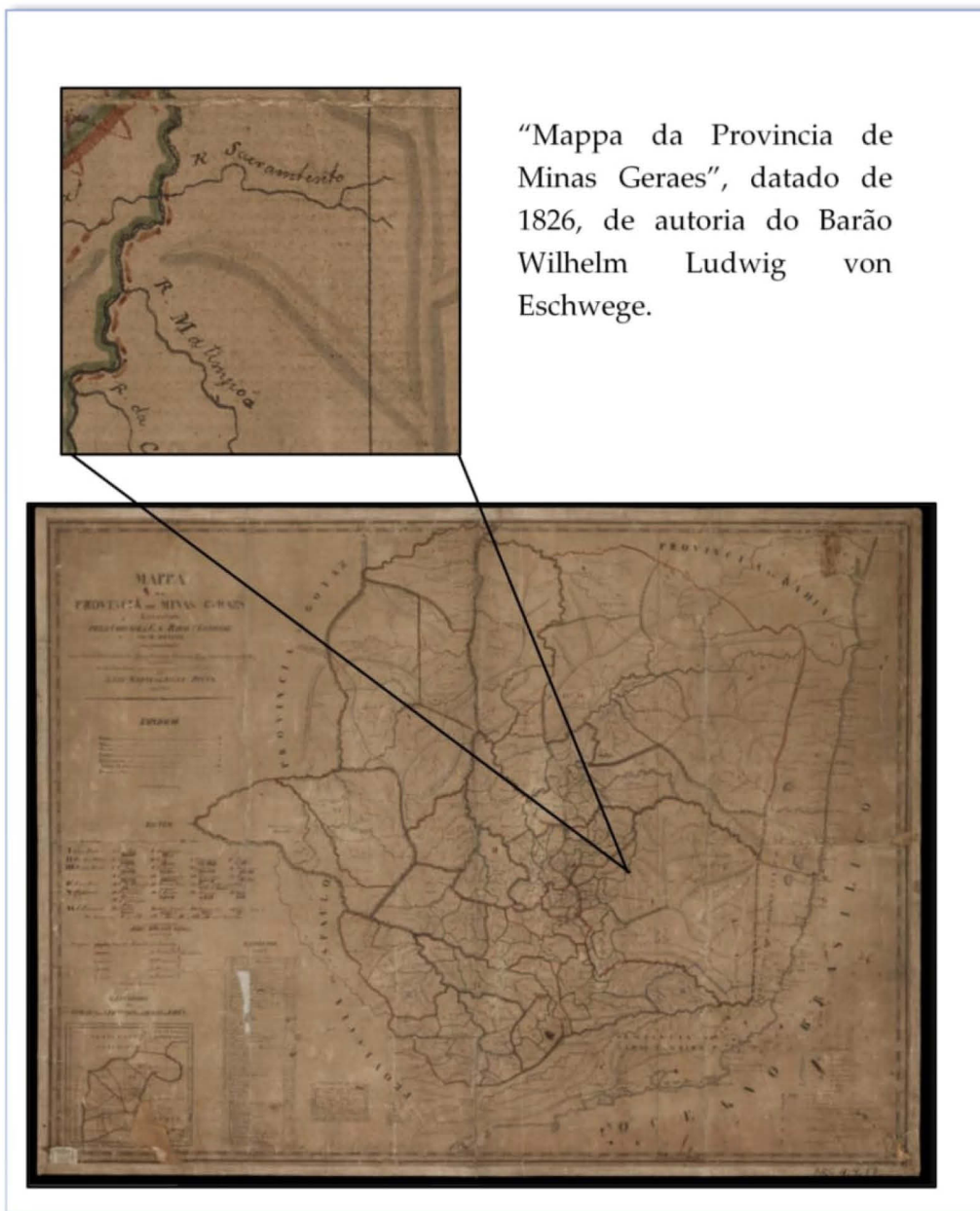


"Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes", data provável de 1800, sem autoria.

Fonte: mapa adaptado. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/grandes_formatos_docs/photo.php?lid=29. Acesso em: 15 ago. 2020.

Mapa 9 – Mappa da Provincia de Minas Geraes (1826).



Fonte: mapa adaptado. Disponível em: <http://bdlb.bn.gov.br/acervo/handle/20.500.12156.3/31606>. Acesso em: 15 ago.2020.

Como se pode verificar nesses documentos cartográficos, não aparece registrado nos mapas o provável nome motivador, Abatipó. Sua transparência e seu significado aparentes, utilizados pelo homem denominador, eram evidentes à época da denominação. Contudo, ao longo do tempo, a significação desse topônimo se tornou opaca, o que leva a muitas traduções pouco convincentes do nome, como o

famoso “milho em pó”, que seria o significado da expressão indígena *match-poo*, divulgado por muitos autores e até mesmo por órgãos da administração pública.

Além dessa significação, outra, menos difundida pela comunidade local, aparece registrada em Costa (1993 [1970], p. 288) - “Etim. *mati, matii*, pequenino, *pó, (m)bó*, mão, cipó, fibra, a mão pequenina, o cipozinho, a fibra delgada” e em Barbosa (1995 [1971], p. 200) - “Etim. *mati, matii*, pequenino, *pó, (m)bó*, mão, cipó, fibra, a mão pequenina, o cipozinho, uma fibra delgada”. Nessas duas obras, Matipó aparece igualmente significando “mão pequenina” ou “cipozinho”.

Sobre os problemas na significação dos nomes próprios de lugares, Seabra (2006, p. 1956) explica que, ainda que o topônimo seja referencial, seu sentido não é na maioria das vezes acessível, compreensível para quem o utiliza, pois “o seu sentido nem sempre se encontra armazenado na mente do ouvinte, nem na do falante, principalmente se é um topônimo muito antigo que vem atravessando gerações”.

Na busca pela origem do nome da tribo Abatipós, foram pesquisados estudos sobre a etnográfica do território mineiro. De acordo com o estudo do professor Nelson Coelho de Senna (1937), existiam duas tribos na região de Matipó: Abatipós e Cotoxés. Os Abatipós viviam outrora no vale do rio hoje denominado Matipoó, a Leste do estado. Sua alcunha tupi *abá-ti-pó* mostra que esse gentio tinha certo mal da pele toda “pampa” ou cheia de manchas esbranquiçadas, nas mãos e pés. Além dos Abatipós, o autor explicita que os Cotoxés ou Cotoxós também ocuparam uma parte do nosso sertão de Leste, cujas matas do Rio Casca e do Rio Matipó romperam até a região, conhecida por “Abre Campo” (Ver Figura 1). Também expõe que o nome *cotoxé* significa “o que desbrava ou rompe o campo”.

Figura 1 – Vista da ponte sobre rio Matipó-MG, por volta do início do século XX.



Fonte: Arquivo Público Mineiro. Disponível em:

http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/modules/fotografico_docs/photo.php?lid=31758. Acesso em: 02 abr. 2020.

Os estudos de Oiliam José (1965) também confirmam a existência dessas tribos no município de Matipó. Segundo o autor, os Abatipós localizavam-se no solo dos atuais municípios de Matipó, Abre Campo e Santa Margarida. Além disso, também explica que esses indígenas eram possuidores de manchas esbranquiçadas nos pés e nas mãos – vítimas de generalizada disfunção da glândula suprarrenal. Como se observa, ambos os autores atribuem a denominação “Abatipós” aos povos indígenas que possuíam manchas de pele espalhadas pelo corpo.

Para entender a mudança do etnotopônimo Abatipó para Matipó e a constituição do significado desse nome, recorreremos ao vocabulário da língua tupi de Barbosa (1951). Acerca dos metaplasmos, alterações fonéticas ocorridas nos vocábulos, o autor explica que “p”, “m” e “mb” e também “b” se permutam nessa língua. Segue explicando que o guarani também é uma língua que tende a eliminar a consoante e a

vogal átona até dos nomes paroxítonos. Dessa forma, podemos inferir que na mudança de Abatipó > Matipó ocorreu o processo de aférese, perda do fonema inicial “a”, e a prevalência da bilabial nasal “m” em relação à bilabial sonora “b”.

A partir dessa obra lexicográfica, também foi possível depreender a provável origem do mal-entendido “milho em pó”. Na língua tupi, *abati* significa *milho*. Assim, na tentativa de buscar o significado já opaco, os falantes acabaram por associar a palavra *abati* (tupi) + pó (português). Tal associação seria outro equívoco porque o termo *pó* em tupi significa “mão” ou “fibra, grossura, corpo [de obj. comprido]”, e *poó* significa “colher, apanhar; desfolhar”. Buscamos também as palavras “mati”, “matii”, “mbati” e “match”, mas não foi encontrado nenhum registro desses termos nas obras consultadas. Corroborando essa questão sobre problemas de conceituações, Barbosa (1951), explica que:

A língua tupi conhece em larga escala os processos de derivação, e composição. Mas esses processos estão condicionados a algumas normas cujo desconhecimento é responsável por muitas palavras defeituosas, algumas já oficializadas, bem como por tantas “etimologias” ou explicações fantasiosas de nomes tupis. (BARBOSA, 1951, p. 177).

Diante dessa questão, consideramos que as significações descritas por Senna (1937) e por Oíliam José (1965) sejam mais consistentes. Conforme esses autores, no solo mineiro, cinco tribos possuem nomeações iniciadas pelo termo *abá* que significa *índio, gente*: Abaeté (abá + ité: gente feia); Abaíbas (abá + iba: gente ruim); Abatinguaras (abá + tin + guara: índios comedores de gente branca); Abatirás (abá + tirá: gente de topete) e Abatipós (abá + ti + pó: gente da “pele” [mão] manchada). Dessa forma, como já foi dito, as denominações constantes nessas obras dão conta de que esse gentio tinha manchas esbranquiçadas nas mãos e nos pés.

O vocabulário do tupi-português de Barbosa (1951, p. 179) traz exemplos que podem confirmar essa definição de abá + ti + pó: em tupi, o possuidor vem

imediatamente antes do possuído, sem auxílio de nenhuma preposição: *abapó* “mão do índio”, de *abá* “índio” e *pó* “mão”. Quanto ao termo “ti”, encontramos o exemplo, *titinga* “mancha branca da pele”, de *ti* “mancha (de pele)” e *tinga* “branco”.

5 Ficha lexicográfico-toponímica

Nesta seção, apresentamos a ficha lexicográfico-toponímica, contendo o verbete em que são explicitados os dados atuais e pretéritos relativos ao topônimo Matipó. Os dados contemporâneos para a confecção da ficha advêm do Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais. Ao todo, foram identificadas 29 ocorrências do topônimo Matipó nos dados do Projeto ATEMIG. Além de outras fontes, a ficha contém documentos cartográficos históricos, datados dos séculos XVIII e XIX.

Seguindo o modelo de Cordeiro (2018), com adaptações, tendo em vista a revisão da nomeação das regiões de Minas Gerais, apresentamos a seguir a ficha lexicográfico-toponímica do topônimo *Matipó* (Ver Quadro 1).

Quadro 1 – Ficha lexicográfica-toponímica de Matipó.

<p>MATIPÓ</p> <p>Motivação: Etnotopônimo</p> <p>Origem: Tupi</p> <p>DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG</p> <p>Acidentes físicos: 16</p> <p>Acidentes humanos: 05</p> <p style="text-align: center;">Variante da base léxica MATIPÓ:</p> <p>➤ MATIPOZINHO</p> <p>Origem: Híbrida = Tupi/Português</p> <p>DADOS CONTEMPORÂNEOS – BANCO DE DADOS DO PROJETO ATEMIG</p>

Acidentes físicos: 06

Acidentes humanos: 02

Distribuição por região intermediária

	Barbacena	Belo Horizonte	Divinópolis	Governador	Ipatinga	Juiz de Fora	Montes Claros	Patos de Minas	Pouso Alegre	Teófilo Otoni	Uberaba	Uberlândia	Varginha
Matipó					1	20							
Matipozinho						8							

DADOS HISTÓRICOS – MAPAS DO SÉCULO XVIII E XIX

Século XVIII	Século XIX
Matipó (1775)	Matipeó (1821)
Matipó (1778)	Matimpóo (1826)
Matipeo (1800)	-

INFORMAÇÕES ENCICLOPÉDICAS:

MATIPÓ – Sua alcunha tupi abá-ti-pó mostra que esse gentio tinha certo mal da pelle toda “pampa” ou cheia de manchas, esbranquiçadas nas mãos e pés. (SENNA, 1937, p. 337)

MATIPÓ – Etim. mati, matii, pequenino, pó, (m) bó, mão, cipó, fibra, a mão pequenina, o cipòzinho, a fibra delgada. (COSTA, 1993, p.288)

HISTÓRICO:

MATIPÓ - A capela primitiva, dedicada a São João, surgiu na segunda metade do século passado, como filial da matriz de Abre Campo. O povoado, que se denominava São

João do Matipoo, foi elevado a distrito pela Lei n. 3221, de 11 de outubro de 1884. A Lei n. 3442, de 28 de setembro de 1887 elevou o distrito à freguesia, com o mesmo título de São João do Matipó (a grafia, nesta lei, é Matipo). O município foi criado com o Decreto-lei n. 148, de 17 de dezembro de 1938, com território desmembrado do de Abre Campo, e com a denominação reduzida para Matipó. (BARBOSA, 1995, p. 200).

VERBETE:

MATIPÓ – Nct • tupi • Dados Contemporâneos: Nomeia → Região Intermediária de Ipatinga – rio no município de Córrego Novo. → Região Intermediária de Juiz de Fora – cachoeira nos municípios de Abre Campo e Matipó; cidade no município de Matipó; córrego nos municípios de Acaiaca, Barra Longa, Dom Silvério, Ponte Nova e Pedra Bonita; fazenda nos municípios de Rio Doce e Tabuleiro; localidade nos municípios de Barra Longa e Dom Silvério; rio nos municípios de Abre Campo, Caputira, Matipó, Pedra Bonita, Raul Soares e São Pedro dos Ferros; serra nos municípios de Carangola e Pedra Bonita. 21 ocorrências • Dados históricos: Nomeia → Mappa da Comarca de Vila Rica (1775) – rio na Comarca de Villa Rica. → Mappa da Capitania de Minas Geraes com a devise de suas comarcas (1778) – rio na Comarca de Villa Rica. → Mappa Topografico e Idrografico da Capitania de Minas Geraes – rio na comarca de Villa Rica. → Mapa da Capitania de Minas Gerais (1821) - rio na Comarca de Villa Rica. → Mapa da Província de Minas Gerais (1826) – rio na Comarca de Villa Rica. 5 ocorrências.

MATIPOZINHO – NSm • híbrido: tupi/português • Dados Contemporâneos: Nomeia → Região Intermediária de Juiz de Fora – localidade no município de Raul Soares e Sericita; ribeirão nos municípios de Abre Campo, Pedra Bonita, Raul Soares e Sericita; serra nos municípios de Araponga e Sericita. 8 ocorrências

Fonte: elaboração própria.

Complementando as informações constantes na ficha lexicográfico-toponímica, podemos ver, no Quadro 1, as 29 ocorrências do topônimo Matipó ~ Matipozinho

encontradas nos dados do Projeto ATEMIG. Ao todo, foram registrados 8 acidentes diferentes – cachoeira, cidade, córrego, fazenda, localidade, rio, serra e ribeirão, distribuídos em 16 municípios mineiros - Abre Campo, Acaiaca, Araponga, Barra Longa, Caputira, Carangola, Córrego Novo, Dom Silvério, Matipó, Pedra Bonita, Ponte Nova, Raul Soares, Rio Doce, São Pedro dos Ferros, Sericita e Tabuleiro.

Quadro 1 – Dados do Atlas Toponímico do Estado de Minas Gerais – Projeto ATEMIG.

Nº	ACIDENTE	NOME	ORIGEM	TOPÔNIMO	MUNICÍPIO	REG. IMEDIATA
1	Cachoeira	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Abre Campo	Manhuaçu
2	Cachoeira	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Matipó	Manhuaçu
3	Cidade	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Matipó	Manhuaçu
4	Córrego	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Acaiaca	Ponte Nova
5	Córrego	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Barra Longa	Ponte Nova
6	Córrego	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Dom Silvério	Ponte Nova
7	Córrego	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Ponte Nova	Ponte Nova
8	Córrego	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Pedra Bonita	Manhuaçu
9	Fazenda	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Rio Doce	Ponte Nova
10	Fazenda	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Tabuleiro	Ubá
11	Localidade	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Barra Longa	Ponte Nova
12	Localidade	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Dom Silvério	Ponte Nova
13	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Raul Soares	Ponte Nova
14	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	São Pedro dos Ferros	Ponte Nova
15	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Abre Campo	Manhuaçu
16	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Caputira	Manhuaçu
17	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Matipó	Manhuaçu
18	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Pedra Bonita	Manhuaçu
19	Rio	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Córrego Novo	Caratinga
20	Serra	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Carangola	Muriaé
21	Serra	Matipó	Tupi	Etnotopônimo	Pedra Bonita	Manhuaçu
22	Localidade	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Raul Soares	Ponte Nova
23	Localidade	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Sericita	Ponte Nova
24	Ribeirão	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Raul Soares	Ponte Nova
25	Ribeirão	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Sericita	Ponte Nova
26	Ribeirão	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Abre Campo	Manhuaçu
27	Ribeirão	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Pedra Bonita	Manhuaçu
28	Serra	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Araponga	Viçosa
29	Serra	Matipozinho	Tupi+ Port.	Etnotopônimo	Sericita	Ponte Nova

Fonte: dados do Projeto ATEMIG.

Os dados constantes no Quadro 1 mostram que a maioria das ocorrências foram registradas em municípios pertencentes à região imediata de Manhuaçu, totalizando 11 ocorrências, e de Ponte Nova, totalizando 14 ocorrências. Isso revela uma produtividade no uso desse topônimo nessas duas regiões, onde a tribo dos Abatipós se fixou em tempos pretéritos.

6 Considerações finais

A análise aqui proposta sobre o topônimo Matipó deixa claro que as relações linguísticas e culturais de um nome são indissociáveis, como assinalam os estudos toponímicos de Dick (1990b). Nesse sentido, a língua é capaz de traduzir a experiência cultural acumulada, ao longo do tempo, pois armazena as histórias que são transmitidas de geração a geração. Assim, os falantes criam e conservam a língua e são os responsáveis em atribuir significações às palavras.

No estudo em questão, verificamos que a primeira nomeação oficial do município, São João do Matipó, relacionada à tradição de se nomear em homenagem aos santos católicos do hagiológico romano não se manteve, prevalecendo apenas a motivação etnotoponímica, conforme propõe a análise dos municípios mineiros de motivação étnica de Dick e Seabra (2012).

Além disso, constatamos que o significado do topônimo Matipó foi se tornando opaco e perdendo sua significação original, no decorrer do tempo. Isso acabou por criar o mal-entendido “milho em pó”, possivelmente gerado pela junção da palavra *abati*, que em tupi significa “milho”, e da palavra *pó*, da língua portuguesa.

Levando em conta os estudos etnográficos, foi possível depreender uma significação mais provável para o topônimo Matipó. Segundo as pesquisas de Senna (1937) e de Oiliam José (1965), a alcunha Abatipó (abá-ti-pó) indica que os índios dessa tribo se caracterizavam por possuir certo mal da pele, com manchas esbranquiçadas, nas mãos e nos pés. Essa significação nos pareceu mais consistente, uma vez que outras

tribos, como os Abaíbas e como os Abaetés, por exemplo, que também habitaram o solo mineiro, são formadas pelo termo tupi *abá* que significa “gente”, “índio”, como demonstrado por Barbosa (1951).

Em nossa análise, encontramos 29 ocorrências do topônimo Matipó ~ Matipozinho nos dados do Projeto ATEMIG, nomeando diferentes acidentes geográficos – cachoeira, cidade, córrego, fazenda, localidade, rio, serra e ribeirão. Foi detectada uma incidência mais significativa na região de Manhuaçu e de Ponte Nova, o que aponta que houve uma maior produtividade no uso desse topônimo nesses locais, onde a tribo dos Abatipós se fixou no passado.

Referências Bibliográficas

BARBOSA, L. **Pequeno Vocabulário Tupi-Português**. Livraria São José, Rio De Janeiro, 1951. Disponível em: http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3Abarbosa-1951-pequeno/barbosa_1951_tupi-portugues.pdf. Acesso em: 15 abr. 2020.

BARBOSA, W. de A. B. **Dicionário Histórico-Geográfico de Minas Gerais**. Belo Horizonte: SATERB, 1995 [1971].

BIDERMAN, M. T. C. A estrutura mental do léxico. *In: Estudos de filologia e linguística: em homenagem a Isaac Nicolau Salum*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1981. p. 131-145.

CÂNDIDO, A. **Os parceiros do Rio Bonito: um estudo sobre o caipira paulista e a transformação dos seus meios de vida**. 6. ed. São Paulo: Duas Cidades, 1982.

CARVALHO, S. D de. **A mudança da ordem do adjetivo em relação ao nome nos dados rurais de Luisburgo/MG**. 2014. 263f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9PMN5A>. Acesso em 20 mar. 2020.

CARVALHO, M. A de. **Toponímia da mesorregião centro-sul matogrossense: contribuições para o Atlas Toponímico do Estado de Mato Grosso**. 2005. _ f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

CARVALHO, A. P. M. A de. **Hagiotoponímia em Minas Gerais**. 2014. 823f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2014. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/MGSS-9PMR2U>. Acesso em: 03 mai. 2021.

CORDEIRO, M. J. **Litotoponímia mineira**. 2018. 542f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2018. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-B8AFPE>. Acesso em: 21 mar. 2020.

COSTA, J. R. **Toponímia de Minas Gerais: com estudo histórico da divisão territorial administrativa**. Rio de Janeiro: Editora Itatiaia, 1993 [1970].

DICK, M. V. de P. do A. **A motivação toponímica e a realidade brasileira**. São Paulo: Edições Arquivo do Estado, 1990a.

DICK, M. V. de P. do A. **Toponímia e Antroponímia no Brasil**. Coletânea de Estudos. São Paulo: Serviço de Artes Gráficas/FFLCH/USP, 1990b.

DICK, M. V. de P. do A. **A dinâmica dos nomes da cidade de São Paulo: 1554 – 1987**. São Paulo: Annablume, 1996.

DICK, M. V. de P. do A; SEABRA, M. C. T. C de. Enotoponímia em Minas Gerais, **Papéis**, Campo Grande, MS, v.16, n.31, Especial ABRALIN, 2012. Disponível em: http://www.papeis.ufms.br/Revista_Papeis_V16_N31.pdf. Acesso em: 10 mar. 2020.

DAUZAT, A. **Les noms des lieux**. Paris: Delagrave, 1926.

FAGGION, C. M.; MISTURINI, B. Toponímia e memória: nomes e lembranças na cidade. **Linha D'Água**. 27, 2, p. 141-157, 2014. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/linhadagua/article/view/83370>. Acesso em: 22 abr. 2020. DOI <https://doi.org/10.11606/issn.2236-4242.v27i2p141-157>

FARIA, G. da C. S. **Tradição e memória: um estudo antroponímico dos nomes de logradouros da cidade de Ponte Nova - Minas Gerais**. 2017. 686f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos). Faculdade de Letras, UFMG. Belo Horizonte, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/LETR-AU2G47>. Acesso em: 03 de mai. 2021.

FRANCISQUINI, I. de A. **O nome e o lugar: uma proposta de estudos toponímicos da microrregião de Paranavaí**. 1998. 255f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) - Centro de Letras e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 1998.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Divisão regional do Brasil em regiões geográficas imediatas e regiões geográficas intermediárias**: 2017/IBGE, Coordenação de Geografia. Rio de Janeiro: IBGE, 2017. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv100600.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2020.

ISQUERDO, A. N. **O Fato Linguístico como Recorte da Realidade Sócio-Cultural**. 1996. 409f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 1996.

JOSÉ, O. **Indígenas de Minas Gerais**: aspectos sociais, políticos e etnológicos. Belo Horizonte: Edições Movimento Perspectiva, 1965. Disponível em: <http://etnolinguistica.wdfiles.com/local--files/biblio%3A%20jose-1965%20indigenas/JoseOiliam%201965%20IndigenasMG.pdf>. Acesso em: 20 mar. 2020.

PEREIRA, R; NADIN, O. Taxionomias toponímicas e relações com a Terminologia. **Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 25, n. 1, p. 217-243, 2017. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/view/10946#:~:text=Consideramos%20as%20taxionomias%20como%20termos, Terminologia%3B%20Taxionomias%20topon%C3%ADmicas%3B%20L%C3%A9xico>. Acesso em: 03 mai. 2021.

SANTOS, M. M. D; SEABRA, M. C. T. C de. Memória do patrimônio linguístico de Minas Gerais: Análise da motivação toponímica de natureza física da Comarca de Vila Rica em registros cartográficos históricos. **Anais do I Simpósio Brasileiro de Cartografia Histórica**, Paraty, 2011. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/revistabrasileiracartografia/article/view/49121>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SEABRA, M. C. T. C. de; ISQUERDO, A. N. Onomastics in different perspectives: research results. **Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, MG, v. 26, n. 3, p. 993-1000, 2018. Disponível em: http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/relin/article/viewFile/13700/pdf_1. Acesso em: 20 abr. 2020.

SENNA, N. Sobre Ethnographia Brasileira: principaes povos selvagens que tiveram o seo "habitat" em territorio das Minas Geraes. **Revista do Archivo Publico Mineiro**, 1937. Disponível em: http://www.siaapm.cultura.mg.gov.br/acervo/rapm_pdf/1435.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

Artigo recebido em: 30.09.2020

Artigo aprovado em: 26.02.2021